



**CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

ADRIANA RAMOS DA SILVA

**A LEITURA E A ESCRITA NO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA
IDALINA ROSA – PEDRO RÉGIS/PB: ALGUMAS REFLEXÕES.**

GUARABIRA – PB

2013

ADRIANA RAMOS DA SILVA

**A LEITURA E A ESCRITA NO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA
IDALINA ROSA – PEDRO RÉGIS/PB: ALGUMAS REFLEXÕES.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial para obtenção da graduação de Licenciatura Plena em Letras/Português.

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima de Souza Aquino.

GUARABIRA – PB

2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S586i Silva, Adriana Ramos da

A leitura e a escrita no 8º ano do Ensino Fundamental da
Escola Idalina Rosa – Pedro Régis/PB: algumas reflexões /
Adriana Ramos da Silva. – Guarabira: UEPB, 2013.

36 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras)
Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof^a. Dra. Maria de Fátima de Souza Aquino.

1. Leitura - Ensino 2. Processo de Aprendizagem 3. Escrita -
Aprendizagem. I. Título.

22.ed. CDD 028

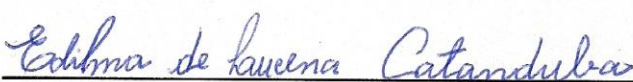
ADRIANA RAMOS DA SILVA

**A LEITURA E A ESCRITA NO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA
IDALINA ROSA – PEDRO RÉGIS/PB: ALGUMAS REFLEXÕES**

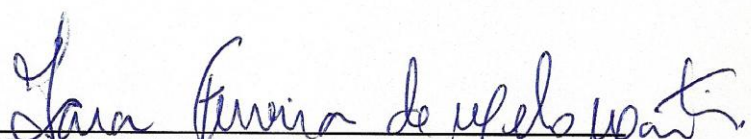
Monografia aprovada em 30/agosto/2013, como requisito para a obtenção do título de Licenciada no Curso de Graduação em Letras/Português, Departamento de Letras, Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, pela seguinte banca examinadora:



PROFª DRA. MARIA DE FÁTIMA DE SOUZA AQUINO (UEPB)
ORIENTADORA



PROFª DRª EDILMA DE LUCENA CATANDUBA (UEPB)
EXAMINADORA



PROFª DRª IARA FERREIRA DE MELO MARTINS
EXAMINADORA

GUARABIRA – PB

2013

À minha mãe Severina e meu pai Severino, meus irmãos Fabiana, Pedro, Ana Paula e Flaviana que a todo instante me dão força e coragem para prosseguir, e me ensinam a viver com dignidade. São meus verdadeiros amigos e me incentivam a cada dia, a ser mais perseverante. Aos meus pais, não bastaria um muito obrigada.

À meu namorado Laercio, por seu amor, atenção, paciência, compreensão, amizade e por tudo que compartilhamos juntos, meu muito obrigada.

À minha avó Maria Gusmão (in memoriam), que ao longo do curso, via minha preocupação e correria para continuar na graduação, e que há um mês foi levada por Deus. Saudade eterna.

À meu irmão José (Deca) (in memoriam), que o perdi em um acidente de trânsito um dia depois da defesa desta monografia. Muita saudade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu Deus e Nossa Senhora das Graças, por todas as coisas boas que vivi, porque sei que o bem apenas Dele é que veio. O que vivi de ruim em minha vida, foi por ignorância, estupidez e escolha minha. Mas minha felicidade eu só devo ao Pai!

À minha sogra Marilí, que é minha segunda mãe, meu muito obrigada pela companhia e apoio diário.

Às minhas amigas Jonalice, Marileuza, Sueli e Luciane, pelo incentivo desde a prova do vestibular até a conclusão do curso, não há palavras para expressar minha gratidão.

Ao Padre Salvador, que me auxiliou da melhor forma que pode, deixando-me sair para congressos e me auxiliando moralmente e espiritualmente.

À minha orientadora Professora Dra. Fátima Aquino pela paciência, compreensão e atenção, Fátima, muito grata pelo seu jeito de me tratar ao longo desta monografia.

Às professoras Edilma Catanduba e Iara de Melo Martins, meu muitíssimo obrigada por ter contribuído no desenvolvimento deste trabalho, participando da mesa examinadora, e principalmente por terem sido minhas professoras durante o curso.

Aos professores da Instituição UEPB (Universidade Estadual da Paraíba) em especial aos de Letras, que contribuíram para meu desenvolvimento intelectual durante os quatro anos de curso.

Quero agradecer à Secretaria de Educação de Pedro Régis, nas pessoas de Geane e Sandra, pelo apoio e compreensão.

Agradeço aos funcionários da Escola Idalina Rosa, na pessoa da diretora escolar Luciane e aos professores Sueli, Leodon, José, Valdir e Jaciara, ao Jonas, à Dulce, à Bel e todos que me apoiaram na realização da pesquisa de campo.

Agradeço aos funcionários da Escola Daura Ribeiro, na pessoa da diretora escolar Jacinêz, que ao longo do período compreendeu minha ausência e me incentivou.

De forma carinhosa, agradeço aos alunos das Escolas Idalina Rosa e Daura Ribeiro, pelo apoio e principalmente por compreenderem a minha ausência durante o período.

Um agradecimento muito especial aos meus amigos, companheiros e irmãos da turma 2009.2 (Isaac, Daniele, Valker, Wiliane, Elizabete, Silvania, Juliene, Auxiliadora, Evandriléia, Evamberto, Michael, Lidiane, Claudiane e Júlia), ao longo do curso pudemos compartilhar alegrias e tristezas, que nos proporcionaram ver defeitos e qualidades. Sempre acreditei que as pessoas entram em nossa vida por acaso, mas não é por acaso que elas permanecem. E vocês tenham certeza de que ficarão guardados em um lugar muito especial em meu coração.

E finalmente, agradeço a todos os amigos e amigas, Mara, João Pedro, Dr. Bruno, Pedro Júnior, Miguel, Júnior Luiz, Elizabete (Sítio Cuité), Amanda, Aline, Nívia, Solange, Polianna, Juberlany, Betânia, Rita de Cássia, Sabrina, Rafael, Natália e todos que oraram e que me ajudaram direto e indiretamente para que eu pudesse realizar este sonho.

“Nunca podemos deixar que cada dia pareça igual ao anterior porque todos os dias são diferentes, porque estamos em constante processo de mudança”.

(Paulo Coelho)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar algumas reflexões sobre a leitura e a escrita dos educandos do 8º ano do Ensino Fundamental da Escola Idalina Rosa, situada na zona rural do município de Pedro Régis – PB. O presente estudo tem como base o aporte teórico defendido por Cagliari (2009), Marques de Melo (1986), Martins (1994), Kleiman (2008), Rojo (2009), Antunes (2003) dentre outros. A metodologia utilizada foi a pesquisa aplicada através de questionários que visavam, principalmente, coletar dados que pudessem ser o mais claro possível, para que assim mostrassem os motivos pelos quais os educandos da escola acima citada ainda apresentam déficit no ensino-aprendizagem mesmo estando no 8º ano. Partindo desse pressuposto, optamos por fazer questionários, para que pudéssemos ter mais clareza das respostas e assim poder desenvolver com mais objetividade nossa monografia. Portanto, buscamos informações com 17(dezessete) alunos do 8º ano do ensino fundamental, 04 (quatro) professores e 04(quatro) pais. Ao longo dessa pesquisa foi possível notar diferentes posicionamentos, nos quais pudemos identificar as dificuldades de leitura, escrita, compreensão e interpretação das perguntas do questionário da pesquisa. A análise dos resultados objetivou entender os motivos que levam os alunos a não desenvolverem o gosto pela leitura e pela escrita na Escola pesquisada.

Palavras-chave: Leitura. Escrita. Ensino. Aprendizagem.

ABSTRACT

This work has as objective to present some reflections on the reading and the students' writing of the 8th year of the Fundamental Teaching of the *Escola Idalina Rosa*, located in the rural area of the Pedro Régis' city , Paraíba. The present study has as base the protected theoretical contribution for Cagliari (2009), Marques of Melo (1986), Martins (1994), Kleiman (2008), Rojo (2009), Antunes (2003) among others. The used methodology was the applied research through questionnaires that sought, mainly, to collect data to be the more possible clearing, so that they showed like this the reasons for the which the students of the school above mentioned present deficit still even in the teaching-learning being in the 8th year. Leaving of that presupposition, we opted to do questionnaires, so that we could have more clarity of the answers and like this to develop with our more objectivity monograph. Therefore, we looked for information with 17(seventeen) students of the 8th year of the fundamental teaching, 04 (four) teachers and 04 (four) parents. Throughout this research it was possible to note the different positions in which we could identify the difficulties in reading, writing, understanding and interpretation of the questions of the survey. The analysis aimed to understand the reasons why students do not develop a taste for reading and writing at the School researched.

Word-key: Reading. Writing. Teaching. Learning.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – LEITURA: CONCEITOS, TIPOLOGIAS E IMPORTÂNCIA NA SALA DE AULA	12
CAPÍTULO II – A ESCRITA: CONCEITO E IMPORTÂNCIA NA SALA DE AULA	18
CAPÍTULO III – ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA E ANÁLISE DOS DADOS	22
3.1 Conhecendo o espaço físico- educacional da Escola Idalina Rosa	22
3.2 Sobre a pesquisa	24
3.3 Reflexões sobre a leitura e a escrita a partir dos dados da pesquisa ..	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS.....	38
ANEXO 1.....	40
ANEXO 2.....	41
ANEXO 3.....	42
ANEXO 4.....	43

INTRODUÇÃO

Diante da realidade a qual nos deparamos, nos dias atuais, no que diz respeito as modalidades de leitura e escrita, percebemos que a escola deve ter como um de seus objetivos tornar os alunos capazes de intervir nessa realidade com iniciativas que ofereçam solidariamente soluções aos problemas apresentados, como também torná-los capazes de produzir trabalhos a partir do domínio de diferentes áreas do conhecimento.

Assim sendo, a vida na escola, na sala de aula, tem que ser muito mais do que a transmissão de um conteúdo sistematizado do saber. Deve incluir a aquisição de hábitos e habilidades de leitura e de escrita e a formação de atitudes frente ao próprio conhecimento, uma vez que o aluno deverá ser capaz de ampliá-lo e reconstruí-lo, quando necessário, além de aplicá-lo em situações próprias do seu contexto de vida, como defende Freire (2001, p.27).

Temos de respeitar os níveis de compreensão que os educandos -- não importa quem sejam -- estão tendo de sua própria realidade. Impor a eles a nossa compreensão em nome da sua libertação é aceitar soluções autoritárias como caminhos de liberdade. (...) só educadoras e educadores autoritários negam a solidariedade entre o ato de educar e o ato de serem educados pelos educandos; só eles separam o ato de ensinar do de aprender, de tal modo que ensina quem se supõe sabendo e aprende quem é tido como quem nada sabe.

O educador deve, então, atentar para o conhecimento de mundo que o educando possui ao adentrar no espaço escolar, buscar adequar-se à sua realidade e, assim, desenvolver métodos que possam ser utilizados para a formação dos alunos, de acordo com sua realidade, levando-os a construir seus próprios conhecimentos. Partindo desse pressuposto, a escola precisa se adaptar a certos procedimentos que envolvam um melhor desempenho de ensino-aprendizagem por parte dos alunos.

Seguindo essa linha de raciocínio, tomaremos como base teórica, para nosso estudo, Freire (1979), Cagliari (2009), Marques de Melo (1986), Martins (1994), Kleiman (2008), Rojo (2009), Antunes (2003) dentre outros, os quais nos darão suporte para desenvolver nossa temática sobre leitura e escrita que é uma das maiores preocupações no meio em que estamos inseridos.

No que diz respeito ao ensino/aprendizagem da leitura e da escrita, é comum vermos nossos alunos não quererem ler na frente dos colegas, pois não aprenderam a ler sem soletrar, e isso é de nos preocupar bastante, pois além de não haver um domínio de leitura respeitando os sinais de pontuação, não sabem as palavras corretas, ou seja, quando não as soletram, acabam por tentar adivinhá-las.

Em relação à escrita, há um grande equívoco quando os educandos copiam da lousa e misturam as letras maiúsculas com as minúsculas, sem falar da falta de pontuação ao final da frase, oração, período ou perguntas e respostas, mesmo que as palavras tenham sido escritas de forma correta pelo educador. Com base nisso, é possível notarmos que a leitura e a escrita dos nossos educandos ainda estão muito distantes da realidade que desejamos, pois não basta apenas ler um texto, é preciso compreendê-lo.

É pensando nisso, que esta monografia tem como finalidade buscar meios a partir de dados coletados que nos ajudassem a perceber como poderíamos obter maiores avanços no ensino e na aprendizagem dos alunos de 8º ano do Ensino Fundamental, referente a leitura e a escrita na Escola Idalina Rosa - escola da rede pública de ensino -, localizada na Zona Rural do município de Pedro Régis – Paraíba - PB.

A estrutura desta monografia, elaborada com vista ao alcance dos objetivos citados, se afirma em três capítulos: no primeiro o enfoque é sobre questões referentes à leitura; o segundo capítulo versa sobre a escrita; e no terceiro capítulo, apresentaremos a metodologia usada e os resultados obtidos na análise de dados coletados na pesquisa de campo. Por fim, as considerações finais e as referências.

CAPÍTULO I – LEITURA: CONCEITOS, TIPOLOGIAS E IMPORTÂNCIA NA SALA DE AULA.

A leitura é uma habilidade que deve ser, primordialmente, ensinada e adquirida na escola, já que este é um ambiente que tem por objetivo formar cidadãos conscientes quanto a seu papel na sociedade em que vive. Para tanto, é de fundamental importância a escola trabalhar com os vários tipos de leitura, diversificando conforme os conteúdos abordados nas aulas. Partindo desse pressuposto, alguns tipos de leitura são fundamentais no desenvolvimento do ensino-aprendizagem dos alunos, como por exemplo, a leitura oral, silenciosa e compartilhada.

Para que haja um bom entendimento da leitura, é importante que seja escolhido um texto que chame a atenção dos alunos, como, por exemplo, os que suscitam debates na sala de aula. Assim, eles poderão ter mais interesse e, principalmente, entenderão o conteúdo com mais facilidade, o que contribui para minimizar as dificuldades de leitura e de compreensão. Pois, levam-se em consideração os conhecimentos de mundo e o entendimento que cada educando tem ao fazer a leitura do mesmo texto várias vezes e em diferentes ocasiões.

A concepção de Kleiman (2008, p. 151), em relação à compreensão, é que:

A compreensão é um processo altamente subjetivo, pois cada leitor traz à tarefa sua carga experimental que determinará uma leitura para cada leitor num mesmo momento e uma leitura diferente para o mesmo leitor, em momentos diversos. Como podemos unificar e homogeneizar aquilo que é por natureza heterogêneo, idiossincrático? Não podemos, é claro. Mas ensinar a ler com compreensão não implica em impor uma leitura única, a do professor ou especialista, como a leitura do texto.

Conforme a escolha do texto para ser trabalhado, a interação entre o leitor e o texto por meio da leitura é desenvolvida à medida que são respeitados os diferentes tipos de leitura: leitura oral, leitura compartilhada ou coletiva, leitura silenciosa, leitura informativa e leitura interpretativa.

Assim sendo, iremos conceituar a leitura oral, para podermos compreender os benefícios que ela nos propicia.

Leitura Oral – é aquela “feita não somente por quem lê, mas pode ser dirigida a outras pessoas, que também ‘leem’ o texto ouvindo-o” (Cagliari, 2009, p. 137).

A leitura oral é uma das tipologias que permite enriquecer o nosso vocabulário. Com a frequência dela, tendemos a articular melhor as palavras, a formular frases coerentemente, conversar no cotidiano e compreender um texto com mais facilidade como nos mostra Teberosky (2003, p. 32) “Tal leitura facilita a aprendizagem de vocabulário, bem como o uso da linguagem expressiva, a compreensão da função da escrita e o conhecimento da linguagem das histórias de ficção”. Ela exercita o nosso cérebro, ajudando a guardar mais informações e conseqüentemente falar com mais segurança ao público.

É fato que o hábito da leitura nos permite entender melhor os textos e com mais facilidade. Assim, as pessoas e, em especial, os alunos que leem muito, adquirem não só conhecimentos pessoais, como também informação necessária para se integrarem com mais facilidade no meio social em que estão inseridos.

Cagliari (2009, p.139) diz que:

A leitura oral, falada ou ouvida, processa-se foneticamente de maneira semelhante à percepção auditiva da fala. A leitura visual, falada ou silenciosa, além de pôr em funcionamento o mesmo mecanismo de percepção auditiva da fala para a decodificação do texto, precisa pôr em ação os mecanismos de decifração da escrita.

A oralidade da leitura traz as características da fala e da escrita. Um bom leitor adentra na história e tem como missão transmitir para o ouvinte a emoção, alegria ou sofrimento que a história demonstra. Se o aluno não for um bom leitor, um bom conhecedor das palavras, não vai conseguir desenvolver uma boa leitura para o público ouvinte.

Assim, podemos ver que:

Com relação a isso, gostaria de dizer que ouvir uma leitura também favorece muito a reflexão; tanto é que nos conventos até hoje se fazem meditações dessa maneira. Acontece que na escola se ensina mais comumente aos alunos o uso da leitura visual silenciosa, individual para a reflexão, que o da leitura oral pública. (CAGLIARI, 2009, p. 138).

Partindo desse pressuposto, é preciso, de fato, que a leitura oral possa fazer parte da vida do leitor, para que desse modo não seja apenas uma leitura para si, mas para outras pessoas.

A seguir, traremos o conceito da tipologia de leitura compartilhada ou coletiva, que irá nos auxiliar na compreensão de trabalhar em grupo e ouvir diferentes ideias sobre determinado texto.

Leitura compartilhada ou coletiva – É aquela que envolve todo grupo, de maneira ampla, com a finalidade de compartilhar conhecimentos diferentes.

A escola trabalha, em diversos momentos ao longo do ano letivo, com esta modalidade de leitura, com o intuito de promover a interação entre os alunos, e destes com os mais diversos conhecimentos e mostrar a possibilidade de várias interpretações do mesmo texto. Esse tipo de atividade tem a finalidade de diminuir a vergonha de falar em público sobre o que o aluno entendeu do texto.

Com base nesse aspecto, os educadores devem fornecer meios para que os alunos possam interagir, discutir, ouvir e criticar com responsabilidade o que o colega disse sobre sua percepção de leitura, podendo assim discordar ou concordar acrescentando conforme seu ponto de vista.

Não podemos, não devemos, pois, adiar a compreensão de que a participação efetiva da pessoa na sociedade acontece, também e muito especialmente, pela “voz”, pela “comunicação”, pela “atuação e interação verbal”, pela linguagem, enfim. (ANTUNES, 2003, p. 15)

Quando a escola age desta forma, a tendência é que alunos e professores vivenciem outra maneira de educação, pois o aluno tem a oportunidade de debater e opinar, não se trata de um ensino onde só quem sabe é o professor. Nessa perspectiva, os conhecimentos devem ser compartilhados.

Assim sendo, a prática de leitura compartilhada e coletiva vem com o propósito de que os alunos deverão sempre ouvir os colegas e compartilhar oralmente o seu entendimento sobre o texto, bem como confrontá-lo com os outros saberes desenvolvidos. Irlandé (2003) defende que os educadores devem explorar os conhecimentos dos alunos, e uma das formas mais importante é a inserção da interação e confronto de conhecimentos desses educandos.

Ao Damos continuidade as tipologias e conceitos de leitura, apresentaremos a modalidade de leitura silenciosa.

Leitura silenciosa - A leitura silenciosa é muito comum entre as pessoas. É a que se destaca como a mais usada pelo público leitor, pois é conduzida e direcionada apenas com o ato visual, conforme explica Cagliari (2009, p. 138):

(...) não há dúvidas de que a leitura visual silenciosa é muito mais comum entre as pessoas. Sua importância para a vida da maioria delas é muito

maior que a dos outros tipos de leitura. A leitura visual tem grandes vantagens sobre os outros dois tipos de leitura.

Acreditamos, assim, que a leitura silenciosa traz benefícios para o leitor, mas quando fazemos outro tipo de leitura, como, por exemplo, a leitura oral em que ouvimos o que estamos lendo, torna-se mais fácil para entendermos, uma vez que, nesse tipo de leitura, respeitamos os sinais de pontuação existentes, como também a pronúncia correta das palavras, o que ajuda na compreensão.

Partindo desse pressuposto, entendemos que a leitura de um modo geral vem ativar o funcionamento dos mecanismos de percepção do nosso cérebro. Assim sendo, o professor, em sala de aula, deve proporcionar aos alunos os tipos de leituras que vão sempre dinamizar os seus conhecimentos. Contudo, podemos dizer que o aluno irá se deparar com momentos em que só poderá fazer leitura silenciosa, como por exemplo, ao fazer um exercício de verificação da aprendizagem (avaliação), ou até mesmo um concurso público, o vestibular e as diversas seleções para as quais devemos orientá-los desde já, pois a escola forma pessoas para viver em sociedade.

Quando se lê apenas para obter conhecimentos próprios, estamos fazendo uso da leitura informativa, a qual abordaremos a seguir o seu conceito e sua finalidade.

Leitura informativa – Para compreendermos o significado da leitura informativa vejamos o que diz Faulstich (2005, p. 14): “ao se fazer leitura informativa busca-se respostas a questões específicas”. Para a compreensão do uso dessa leitura, a autora apresenta explicações sobre a leitura selecionada e sobre a leitura crítica. Define leitura selecionada dizendo que, “esse tipo se efetiva no momento em que o leitor sabe escolher as ideias pertinentes que complementam o ponto de vista do autor”. Para isso, deve-se “identificar, dentro de cada parágrafo, a palavra-chave, pois é em torno dela que o autor normalmente desenvolve a ideia principal” (FAULSTICH, 2005, p. 14).

Para ampliar esta visão, podemos perceber a importância da escolha do texto, pois será a partir dele que outros mecanismos serão ativados, a exemplo da compreensão e do interesse maior dos educandos.

Em relação à leitura crítica, Faulstich (2005, p. 19) vai defini-la como aquela que:

Exige do leitor uma visão abrangente em torno do assunto que está sendo focalizado. É necessário, pois, que se faça uma pré-leitura do material a ser analisado para, então, estabelecer-se diferença entre a sucessão das ideias principais, contidas nas sentenças-tópico.

Partindo dessas premissas, a leitura crítica tem como finalidade despertar nos alunos o interesse pela análise do texto escolhido e a vontade de expressar sua opinião, com base na concepção prévia da leitura. Então, não se trata apenas de fazer uma leitura, é preciso saber interpretar. Afinal, a leitura crítica é um processo pela qual o leitor faz suas análises apresentando seus pontos de vista e mostrando como o autor poderia ter elaborado aquele texto de outra forma. Agindo desse modo, o leitor contribui para que o autor possa rever alguns pontos que talvez tenham sido esquecidos, conforme seus conhecimentos prévios.

Ao ser trabalhado a modalidade de leitura para interpretação, dar-se o nome de leitura interpretativa, que apresentaremos em seguida sua tipologia e seu conceito.

Leitura interpretativa – A leitura interpretativa requer total domínio da leitura informativa (Faulstich, 2005, p. 22).

A todo instante nos deparamos com informações que temos que lê, seja ao sairmos na rua ou até mesmo dentro de casa, quando pegamos as embalagens usadas no dia a dia. Nesse sentido, é necessário transmitir para os educandos que a leitura não é um ato sem nexos, é preciso que haja interpretações coerentes.

Para expressar o quão importante é a interpretação, apresentamos a visão de Cagliari (2009, p. 134) sobre a leitura paradigmática:

Faz com que o leitor não só descubra o significado literal das palavras e expressões, à medida que vai lendo, como também traga para esse significado os conhecimentos adicionais, oriundos de seu modo pessoal de interpretar o que leu, tendo em vista toda sua história como leitor e falante de uma língua.

A leitura paradigmática nos diz que não devemos apenas lê, é de fundamental importância que saibamos interpretar e dá novos significados a esta leitura. Não se deve fazer uma leitura pelo simples fato de que o texto está entre nós. Precisamos dela no nosso cotidiano, e, principalmente, no ambiente escolar, onde não fazemos leitura só nas aulas de português, mas em todas as outras disciplinas. Levando em consideração esse procedimento, podemos entender que se lemos algo, há uma

finalidade, daí a importância de trazer novos significados conforme nosso entendimento. Portanto, “para que se faça leitura interpretativa é necessário que se reconheçam determinadas capacidades de conhecimento” (FAULSTICH, 2005, p.22).

Assim sendo, ao ler um texto, descobrimos as diferentes viagens possíveis na leitura; para tanto, o conhecimento prévio é de fundamental importância. Por esse motivo, a leitura deve ser uma prática inserida no cotidiano escolar dos educandos, levando em consideração os conhecimentos já existentes. Com a leitura que os educandos têm, fica mais prático desenvolver outras leituras que são fundamentais para promover a interação e a comunicação entre os estudantes. Por isso, continuamos insistindo que a leitura é efetivada, não de forma mecânica, mas de forma que possa construir significação e conhecimento concretizado.

Nesse sentido, a prática de leitura consiste no processo contínuo de interação e comunicação entre o texto e o leitor, que ao longo da leitura vai descobrindo meios pelos quais o processo tende a se desenvolver.

Faz-se necessário dizer que as modalidades de leitura são o ponto chave na busca de atividades que visam melhorar aspectos cognitivos da língua falada, bem como aumentar os conhecimentos no desenvolvimento da escrita, possibilitando fazer uso desta de forma mais eficiente, quanto à organização de parágrafos, sinais de pontuação e estruturação do texto coesivo e coerente.

Por isso, é importante a escola trabalhar conjuntamente as modalidades de leitura e escrita, pois trata-se de duas habilidades desenvolvidas para melhorar o desempenho dos educandos, contribuindo para que possam ser conhecedores dos diversos tipos de leitura, bem como da escrita com suas particularidades, e que de fato, haja um processo interacional e comunicativo, não só no ambiente escolar mas na sociedade na qual o educando está inserido.

CAPÍTULO II – A ESCRITA: CONCEITO E IMPORTÂNCIA NA SALA DE AULA

A escrita é uma prática formal adquirida, principalmente, na escola pelo processo de ensino/aprendizagem. O ato de escrever é uma forma de interagir por meio das letras, com o objetivo de melhorar a prática social e permitir a comunicação de forma a ser utilizada em todo e qualquer ambiente. A aprendizagem da palavra escrita adquire um importante papel na vida do indivíduo, uma vez que o habilita a um maior domínio da comunicação.

A esse respeito, Zuin (2010, p. 68) disserta:

A linguagem escrita permite a comunicação além do tempo, daí a sua função como mediadora da cultura para a apropriação pelos sujeitos. Por tal razão, a escrita é um signo construído historicamente para mediar e registrar as produções da humanidade além do tempo presente.

O uso da escrita é um fator tão importante que se tornou um marco na história da humanidade, e também se torna um grande marco na vida de todos aqueles que a aprendem e a põem em prática, fazendo uso de forma geral no seu cotidiano escolar e social. A aquisição das letras depende de dois fatores, um deles é a imagem visual e o outro é a imagem vocal. O ato de escrever possibilita aos alunos o desenvolvimento de decifração e codificação das palavras.

A modalidade escrita tem suas particularidades, vejamos as principais diferenças entre a fala e a escrita como nos mostra Byrne (1995) *apud* Gomes (2009, p. 37-38):

Fala	Escrita
1. Como acontece sempre em um determinado contexto, as referências são claras (Isto aqui, aquela coisa lá).	1. Deve ser bem especificada para criar um contexto próprio.
2. O falante e o ouvinte estão em contato direto, e a interação acontece por troca de turnos.	2. O leitor não está presente quando se escreve e não há interação, exceto na conversa via internet ou telefone celular, embora não tão imediata quanto a oral.
3. O interlocutor é, geralmente alguém específico.	3. Muitas vezes, o leitor não é conhecido pelo escritor.
4. Como existe interação, as reações são, normalmente, imediatas e podem ser: <ul style="list-style-type: none"> . Verbais: perguntas, comentários, murmúrios, resmungos etc.; . Não verbais: expressões faciais ou 	4. Não é possível o escritor conhecer a reação imediata do leitor. Ele pode, no entanto, antecipar reações e comentar no texto. Nas interações eletrônicas, existem os <i>emoticons</i> (aquelas famosas carinhas).

corporais.	
5. A fala é transitória. Se o interlocutor não compreende alguma coisa, pode interagir.	5. A escrita é permanente e pode ser lida e relida quantas vezes for necessário para a compreensão.
6. Há hesitações, frases incompletas, pausas e redundâncias.	6. Espera-se maior estruturação da linguagem, organizada em forma de texto e construída com maior cuidado.
7. Existe uma série de recursos para a transmissão do significado: tonicidade, ritmo e entonação. As expressões faciais e os gestos servem a esse propósito.	7. Os recursos são gráficos como: pontuação, letras maiúsculas, aspas, tipo de letras etc. agora também os <i>emoticons</i> .

Fonte: Adaptado de BYRNE, 1995, p. 03.

Ao observarmos as funções que cada modalidade ocupa, torna-se mais simples entendermos que precisamos das duas, que uma completa a outra. É importante que os professores estejam aptos para ajudar os educandos no uso adequado dessas modalidades, mostrando-lhes as diferenças, e, principalmente, respeitando os conhecimentos prévios de cada aluno, bem como sua variedade linguística, para que, trabalhando desse modo, possam contribuir de forma eficaz para o desenvolvimento das duas habilidades. Então, os professores devem mostrar para os alunos que devemos sim respeitar a modalidade oral, mas que é preciso aprender também a norma padrão da escrita.

É interessante notar que a escrita manifesta poucas variedades linguísticas. Saber a língua materna nos condiciona a ver as variações linguísticas de uma comunidade, às quais devemos respeitar. Porém, não podemos esquecer, de forma alguma, que na escrita formal é exigida a norma padrão da língua, ou seja, em alguns contextos o que vai prevalecer é a escrita formal, como, por exemplo, em uma prova de vestibular. Para Zuin (2010, p.84):

(...) cabe aos professores valorizarem e ensinarem a língua padrão, de maneira a facilitar a escrita de seus alunos e contribuir para a sua aprendizagem. Assim sendo, o ensino da língua materna deve ser contextualizado, reflexivo, em conjunto, e, principalmente, o professor deve explicar sempre o porquê de tal ensino e aprendizagem.

A aquisição da língua escrita é um processo subjetivo que compreende a elaboração de sistema de representação escrita e compreensão dos hábitos e habilidades da leitura e da produção de texto escrito.

Na prática de sala de aula, ao trabalhar a escrita, o professor, como mediador de conhecimento, deve sempre motivar os alunos a buscam formas para que a

escrita seja bem trabalhada. Ou seja, ela deve ser entendida não como uma obrigação, e sim como um ponto importantíssimo para o ensino-aprendizagem do discente. Desse modo, é preciso, e necessário, mostrar meios que dinamizem o reconhecimento dos signos, pois uma boa comunicação depende também do fato de saber desenvolver um texto com coerência e coesão. É por esse meio da interação e do conhecimento com o texto, que se observa a apropriação do aluno para com a escrita.

Na delimitação de espaço entre a vida social em que o aluno está inserido e o ambiente escolar, a preocupação deverá ser maior na escola, pois esta tem como função formar cidadãos competentes para atuar na sociedade, é ela que deve contemplar o máximo que puder o desenvolvimento dos alunos, principalmente os do Ensino Fundamental II, que, muitas vezes, são adolescentes e jovens que já estão no mercado de trabalho.

Logo, é preciso "normatizar o texto, usando os aspectos notacionais da escrita, que vão da ortografia padrão à separação de palavras e à pontuação adequada; aos mecanismos de concordância nominal e verbal e de regência verbal etc" (ROJO, 2009, p.90).

Então, podemos dizer que as competências produzidas pela escrita e leitura tratam de ações que têm como finalidade guiar os alunos no processo de ensino-aprendizagem, para que eles possam desenvolver estratégias que os orientem a aprimorar sua capacidade na habilidade de leitura e de produção de texto escrito. Para Rojo, (2009, p.83):

Como a leitura, a escrita ou produção de textos também envolve uma multiplicidade de capacidades ou competências e habilidades desenvolvidas ao longo da educação básica, se não ao longo da vida, e que foram sendo investigadas e abordadas paulatinamente pelas teorias e pesquisas.

Partindo desse pressuposto, a leitura e a escrita exigem habilidades que o educador deve desenvolver com os educandos em cada aula lecionada. É preciso entender as competências dos alunos de acordo com seus conhecimentos prévios. Assim, torna-se bem mais fácil tanto para os educandos quanto para os educadores trabalharem em conjunto, trocando conceitos e procedimentos diversificados entre o saber e a criatividade das atividades.

Diante desse fato, a questão fundamental que se põe por trás da capacitação de educadores e educandos, é o querer múltiplo, ou seja, tanto dos educandos quanto dos educadores.

Assim, a forma de se conseguir na escola a eficácia de aprender como as crianças aprendem antes de entrar na escola é aproximar as atividades linguísticas da vida. Sendo o ler e o escrever as práticas mais relevantes na escola, tais aprendizagens devem ocorrer de maneira que se leia, escreva e corrija de forma sistemática e diária. (ZUIN, 2010, p. 108)

Fazer a diferença em sala de aula é sempre arriscar no novo, é estar aberto às mudanças, porém de forma consciente. A esse respeito, Freire (1996, p. 35) diz que:

É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas cronológico, O velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo.

Com base na citação, vemos que a aceitação do novo tem que ser pensado de forma cautelosa e consciente, pois sabemos que o impacto do novo gera certa desconfiança.

Desta forma, as práticas educativas demandadas pela escrita e pela leitura capacitam para reflexões sobre a democratização dos saberes e para o envolvimento com formas mais significativas de aprender e ensinar para atender as exigências atuais em diversos momentos da vida social e em sala de aula. Por isso, é muito importante para o professor enfrentar os desafios da leitura e da escrita, tendo em mente que uma depende da outra.

CAPÍTULO III – ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo serão apresentados os aspectos metodológicos e as análises dos dados coletados através da pesquisa de campo, em que foram realizados questionários e entregues aos alunos, professores e pais dos alunos, na Escola Idalina Rosa situada na zona rural do município de Pedro Régis-PB e que atende às modalidades de Ensino Infantil e Fundamental.

Nosso objetivo, foi de buscar meios que nos ajudassem a perceber como poderíamos obter maiores avanços no ensino e na aprendizagem dos alunos de 8º ano do Ensino Fundamental, referente à leitura e à escrita. Assim sendo, a nossa pesquisa visou identificar as dificuldades de aprendizagem dos alunos, para poder sugerir atividades de leituras e escritas, que se tornem atrativas para o seu desenvolvimento. E, que assim eles possam fazer uso dessas modalidades sem medo de falar e redigir texto em um mundo contemporâneo, com as mudanças que estamos vivenciando no nosso dia a dia não só no ambiente escolar mas também no social.

3.1 Conhecendo o espaço físico- educacional da Escola Idalina Rosa

A escola selecionada para a realização da pesquisa é a Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Idalina Rosa, situada no Sítio Pau D'arco de Cima, Zona Rural, município de Pedro Régis – Paraíba-PB.

A Escola Idalina Rosa, conta com 183 (cento e oitenta e três) alunos matriculados, sendo 97 (noventa e sete) pela manhã, 66 (sessenta e seis) à tarde e 20 (vinte) à noite, com a faixa etária de quatro anos de idade até quarenta e cinco anos de idade, pois atende da pré-escola ao 8º ano. Sendo o Ensino Fundamental I (pré-escolar, 1ª, 2ª, 3ª, 4ª e 5º anos), Ensino Fundamental II (6º, 7º, 8º anos), e BA (Brasil Alfabetizado).

O estado físico da escola está conservado, o que é bom para o seu melhor funcionamento. A escola possui cinco salas de aula espaçosas, bem iluminadas, todas com ventiladores, o quadro é branco e está em boas condições de uso, quanto às cadeiras, todas estão em boas condições, pois a comunidade escolar tem certo

cuidado para que os alunos não rabisquem e nem possam destruir. Há também um laboratório de informática.

A Escola Idalina Rosa conta com treze professores com faixa etária de vinte e um anos de idade até os quarenta e nove anos de idade, todos com ensino superior completo ou em processo. Têm ainda uma gestora escolar, uma secretária, um supervisor, uma orientadora pedagógica e uma psicopedagoga, todos com ensino superior e mais de vinte e três funcionários todos com idade entre vinte e cinco anos até cinquenta e cinco anos, com escolaridade de Ensino Fundamental e Ensino Médio.

A Escola tem o PPP (Projeto Político Pedagógico) e o PDDE (Programa de Dinheiro Direto na Escola) que contribui para o desenvolvimento educacional dos alunos.

O corpo docente da Escola Idalina Rosa tem se dedicado para o desenvolvimento educacional dos discentes, incentivando-os de várias formas, como, por exemplo, promovendo projetos de leitura e escrita, como a confecção de cordéis, poesias, eventos que despertem interesse, que envolvam os gêneros orais, a exemplo do teatro, em que fazem o uso de textos atuais e voltados para a realidade dos jovens. Em sala de aula o que mais chama a atenção dos educandos são as escolhas de vídeos. Enfim, são essas tarefas que, principalmente, contribuem para que eles não falem às aulas.

Os alunos do Idalina Rosa são educandos que tem apresentado, de certa forma, interesse pelos estudos, ao longo do ano letivo, como foi dito pelos professores que os acompanham e puderam perceber o empenho que eles demonstram. Contudo, quando se fala sobre leitura e escrita, ainda encontramos muitas dificuldades. Esse é um dos motivos que justificam essa pesquisa. Por mais interesse que eles demonstrem, não apresentam domínio de leitura e escrita, e isso é muito preocupante no 8º ano.

Por ser uma Escola de Zona Rural, predomina na fala dos alunos uma variante linguística que sofre estigma social. Quase sempre essa variante é transposta para sua escrita, fato que também é preocupante, uma vez que a escrita exige normas diferentes das normas da fala.

3.2 Sobre a pesquisa

A pesquisa foi realizada com o objetivo de coletar dados que nos fornecessem subsídios que pudessem contribuir para compreender o motivo pelo qual os alunos da escola citada não têm o domínio das modalidades de leitura e escrita, embora já estejam no 8º ano do ensino fundamental.

Partindo desse pressuposto, optamos por fazer questionários, para que pudéssemos ter mais clareza das respostas e assim poder desenvolver com mais objetividade nossa monografia. Portanto, buscamos informações com 17(dezessete) alunos do 8º ano do ensino fundamental, 04 (quatro) professores e 04(quatro) pais (conf. anexo).

Ao longo dessa pesquisa foi possível notar diferentes posicionamentos, nos quais pudemos identificar as dificuldades de leitura, escrita, compreensão e interpretação das perguntas do questionário da pesquisa.

A análise dos resultados objetivou entender os motivos que levam os alunos a não desenvolverem o gosto pela leitura e pela escrita na Escola pesquisada.

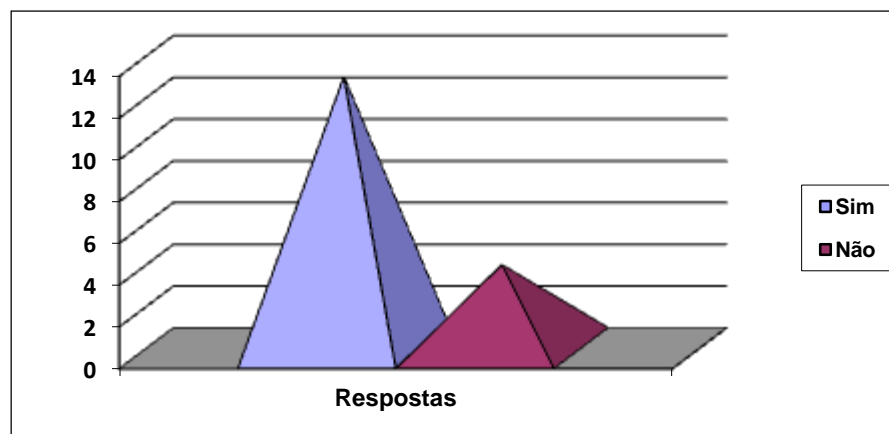
No tópico seguinte, apresentaremos a análise dos dados coletados na pesquisa de campo.

3.3 Reflexões sobre a leitura e a escrita a partir dos dados da pesquisa

A visão dos alunos quanto à leitura e à escrita

1. Você gosta de ler na sala de aula?

Gráfico I – Gosto pela leitura



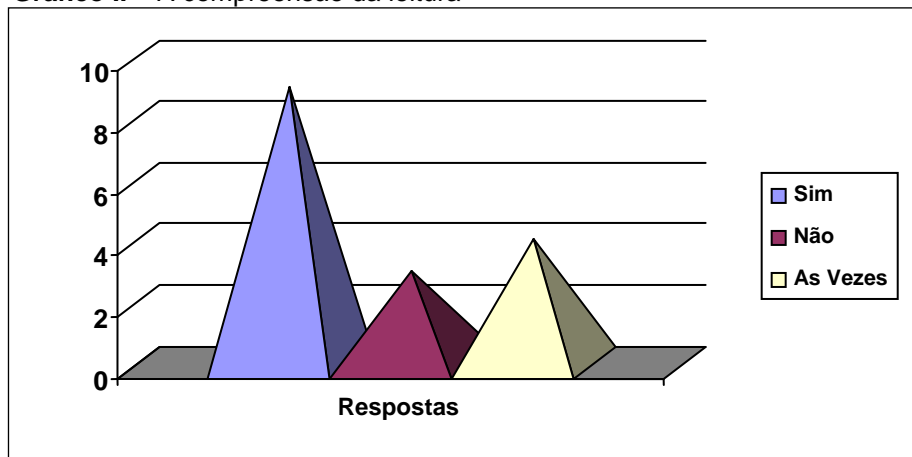
FONTE: Dados da pesquisa – 2013

Na questão sobre o gosto pela leitura, 13(treze) alunos responderam que sim, que gostam de ler porque é a partir daí que conseguem responder aos exercícios propostos pelos professores no dia a dia. Mas 04(quatro) dos entrevistados responderam que não gostam de ler porque têm vergonha.

O objetivo desta pergunta foi descobrir se os alunos realmente gostam de ler, pois na medida em que eles estão em sala de aula, é possível notar que há ainda um receio quando os professores pedem para que seja feita a leitura de um texto.

2. Você compreende o que ler?

Gráfico II – A compreensão da leitura

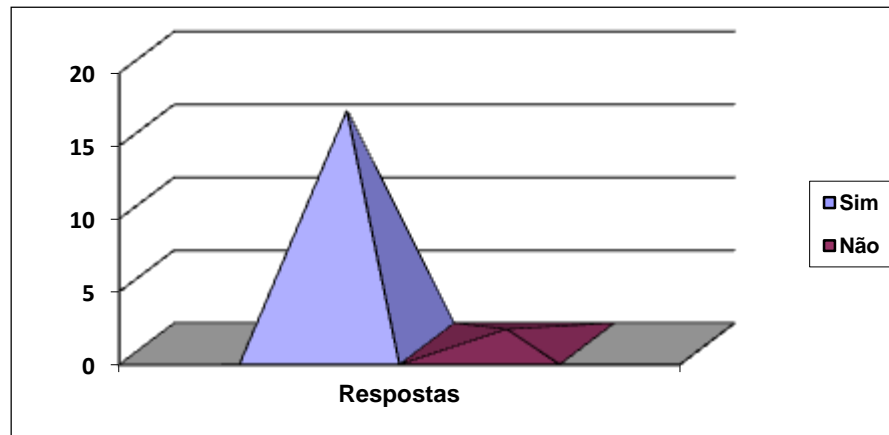


FONTE: Dados da pesquisa – 2013

De acordo com os resultados obtidos nesta pergunta, foi possível notar que a maioria dos alunos responderam que compreende o que ler, em sua totalidade 10(dez). Outros 04(quatro) entrevistados, responderam que às vezes compreendem o que leem, e 03(três) deles responderam que não consegue compreender aquilo que leem.

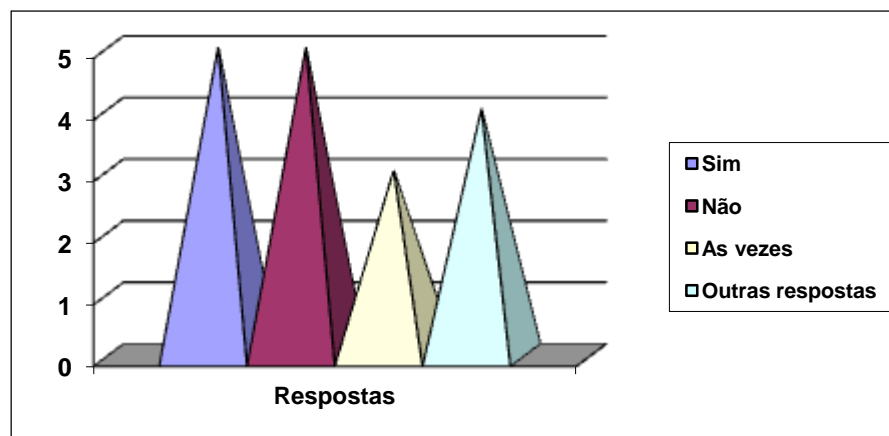
3. Os professores têm pedido para você ler em sala de aula?

Conforme mostra o gráfico abaixo, é possível notar, de acordo com 16(dezesseis) entrevistados, que os professores têm pedido aos educandos, para ler em sala de aula, e que apenas 01(um) dos alunos respondeu que os professores não têm pedido para ler em sala de aula.

Gráfico III – A leitura em sala de aula

FONTE: Dados da pesquisa – 2013

4. Você tem alguma dificuldade na escrita?

Gráfico IV – As dificuldades na escrita

FONTE: Dados da pesquisa – 2013.

Com relação as dificuldades na escrita, 05(cinco) alunos responderam que sim, que têm dificuldades na escrita, pois às vezes confundem as letras maiúsculas e as minúsculas; 05(cinco) responderam que não têm dificuldades, pois alguns professores elogiam suas caligrafias; 03(três) deles responderam que as vezes têm dificuldades em algumas palavras. E por fim, 04(quatro) responderam mais ou menos, pois ainda esquecem os sinais de pontuação e acentuação gráfica das palavras.

Conforme o gráfico, podemos perceber em nosso cotidiano escolar, que ainda há dificuldades dos alunos quando se trata das modalidades de leitura e escrita. E isso, muitas vezes, faz com que o aluno se negue a atender ao pedido do professor

para ler e escrever um texto, pelo fato de ele não ter um domínio dessas habilidades. Em relação à escrita, não conseguem colocar no papel o texto conforme as exigências da norma padrão. Não estamos falando apenas que os alunos devem saber só a gramática. Estamos dizendo que a norma culta deve ser um dos assuntos a ser trabalhado, pois os textos são escritos conforme a norma padrão. Na verdade, o professor deve orientar os alunos para que entendam que a fala e a escrita seguem normas diferentes, embora andem sempre juntas.

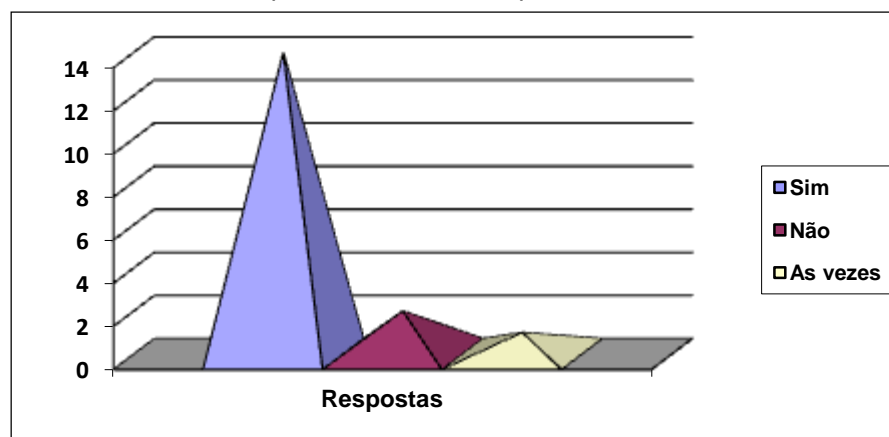
Partindo dessa perspectiva, o professor deve utilizar das ferramentas necessárias para direcionar os alunos. Trabalhar conforme a realidade em que os alunos estão inseridos é uma das alternativas para melhorar a prática docente.

Vejamos o que Zuin (2010, p. 83) diz:

O trabalho do professor é essencial para o processo de apropriação da língua escrita, pois é ele o responsável por mediar o conhecimento cotidiano e o conhecimento científico. Entretanto, é necessário que os professores tenham conhecimento dos conteúdos relativos à língua portuguesa, assim como o conhecimento de como ocorre a aprendizagem de seus educandos, para que assim possam realizar um ensino eficiente.

5. Você costuma entender as explicações dos professores e consegue responder aos exercícios propostos?

Gráfico V – Como os professores estão explicando os assuntos



FONTE: Dados da pesquisa – 2013

Para essa pergunta, as respostas foram as seguintes: 14(quatorze) alunos responderam que compreendem as explicações dos professores e conseguem fazer as atividades propostas. 02(dois) deles responderam que não entendem as explicações e não conseguem responder aos exercícios nem em sala de aula e nem

fora dela. E por fim, 01(um) dos alunos respondeu que às vezes consegue entender as explicações e resolver os exercícios.

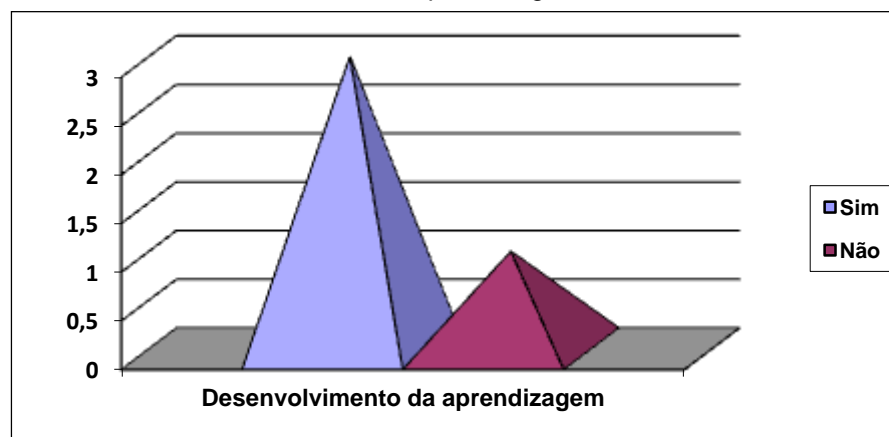
Esta pergunta teve como objetivo coletar dados que possam demonstrar como os professores estão lecionando em sala de aula, principalmente quando se trata de exercícios por meio dos quais, de certa forma, os educandos são avaliados. Com base nisso, percebemos que é preciso de fato que as explicações sejam bem claras para que os educandos respondam as atividades propostas.

A escola, os professores, a comunidade e os pais devem se unir para conseguir melhorar o desenvolvimento dos alunos. Merece destaque na escola não só a leitura, a escrita e a gramática individualizadas, acreditamos que uma depende da outra, mais isso só será possível com o apoio de todos. Não se pode deixar de explorar o ensino-aprendizagem que fará a diferença no processo educacional, por meio de atividades que ativem o interesse e proponha reflexões. Portanto, “ a escola é a instituição responsável por transmitir os saberes científicos e sistematizados aos educandos. (...) a mediadora entre os saberes científicos e os saberes cotidianos” (ZUIN, 2010, p.82).

A visão dos pais dos alunos na dimensão de ensino-aprendizagem

1. O(a) senhor(a) acompanha o desenvolvimento da aprendizagem de seu filho? De que forma?

Gráfico VI – Desenvolvimento da aprendizagem dos educandos

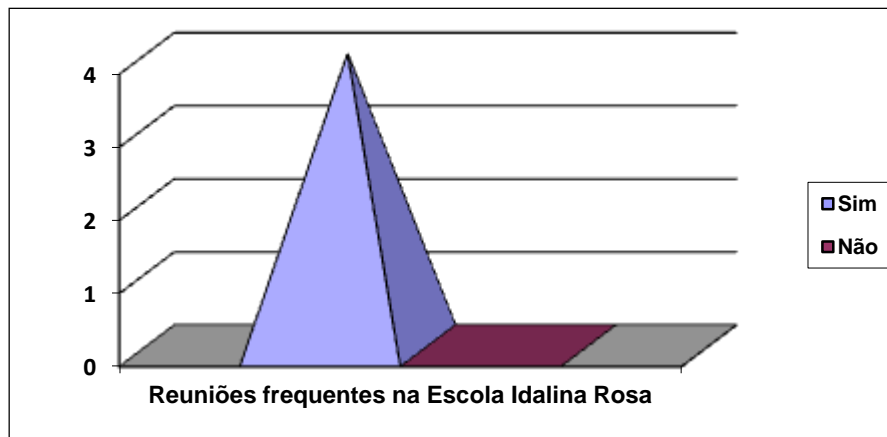


FONTE: Dados da pesquisa – 2013

Para esta pergunta, 03(três) pais responderam que acompanham o desenvolvimento da aprendizagem de seus filhos. Em suas declarações disseram que chamam sempre a atenção para que seus filhos respeitem os professores e aprendam tudo aquilo que os pais não aprenderam na idade dos filhos, e acrescentam que devem aproveitar a oportunidade do estudo. 01(um) deles respondeu que não acompanha o desenvolvimento de sua filha porque ela mora com a avó.

2. Há reuniões de pais e mestres com frequência? O(a) senhor(a) costuma participar e dar opiniões?

Gráfico VII – As reuniões com pais e mestres



FONTE: Dados da pesquisa – 2013

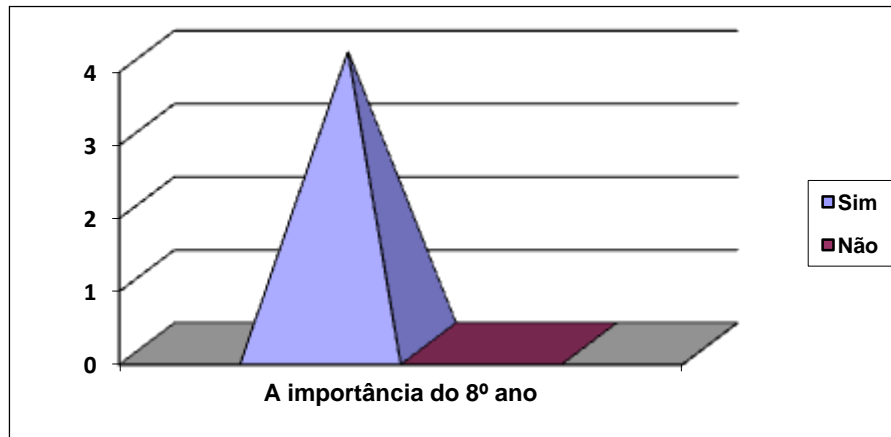
Com relação a esta pergunta, todos os 04(quatro) entrevistados responderam que há reuniões de pais e mestres com frequência, e que costumam participar, sendo que vão apenas para ouvir, pois as opiniões que são dadas, a equipe gestora não leva em consideração, ou seja, acaba discordando, por isso preferem não dar opiniões.

3. O que o(a) senhor(a) acha do seu filho cursando o 8º ano do Ensino Fundamental II?

Neste questionário todos os 04(quatro) pais entrevistados responderam que o 8º ano é muito importante, porque visa a proximidade de um futuro vestibular na vida

de seus filhos, pois já existem sonhos específicos de formação profissional (gráfico VIII).

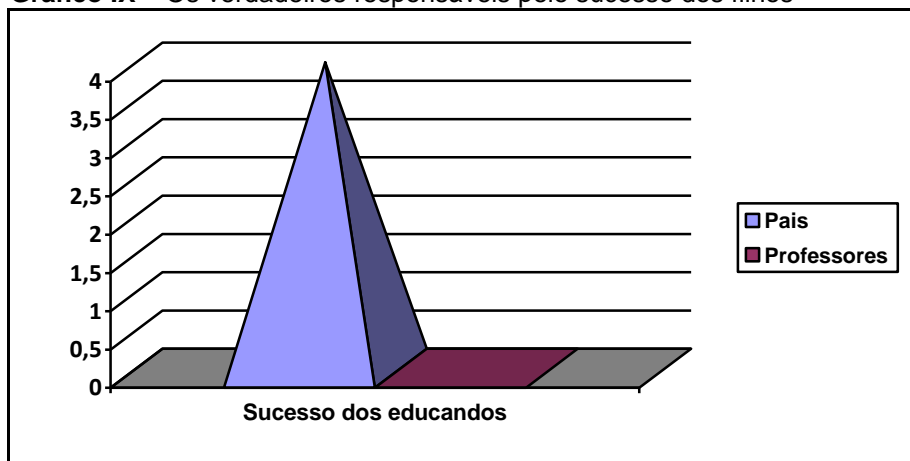
Gráfico VIII – Ensino Fundamental II



FONTE: Dados da pesquisa – 2013

4. Na sua opinião, quem são os verdadeiros responsáveis pelo sucesso dos seus filhos?

Gráfico IX – Os verdadeiros responsáveis pelo sucesso dos filhos



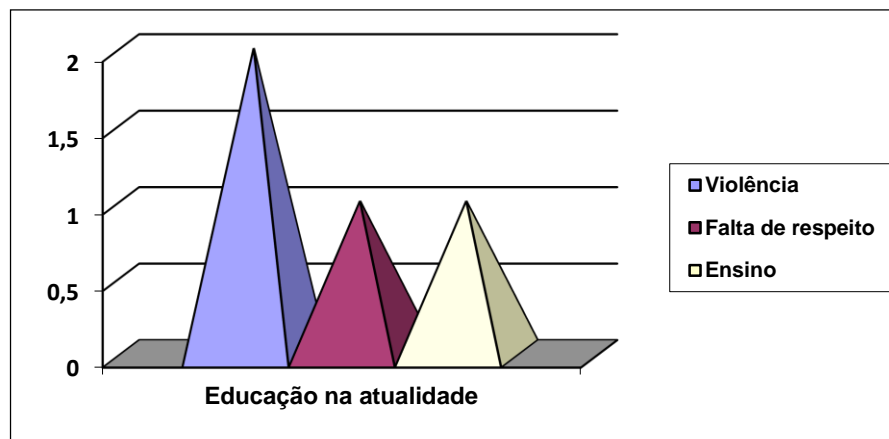
FONTE: Dados da pesquisa – 2013

Com base nos resultados obtidos, observamos que os 04(quatro) pais assumem a responsabilidade para com os filhos, o que é de grande valia para os professores, é uma forma de incentivo. Contudo, os mesmos ressaltaram que os professores também podem contribuir para o sucesso dos seus filhos, pois consideram a escola, a segunda residência dos educandos.

5. O que o(a) senhor(a) acha da educação nos dias atuais?

Esta pergunta foi um desafio, pois, 02(dois) entrevistados disseram que há um grande problema nas escolas que é a violência, e que os professores precisam conversar com os alunos sobre esse problema. 01(um) dos entrevistados, respondeu que a educação está muito difícil devido à falta de respeito em sala de aula. E 01(um) respondeu que pais e professores “devem ter pulso forte, pois a vida está aí para ensinar o que é certo e o que é errado”(gráfico X).

Gráfico X – A educação no mundo contemporâneo



FONTE: Dados da pesquisa – 2013

Os resultados obtidos nessa pesquisa vêm demonstrar que, infelizmente, a escola tem se deparado com situações que precisam ser repensadas, pois por mais que seja um ambiente de educar, há sempre pessoas que tentam modificar a rotina de ensino e aprendizagem.

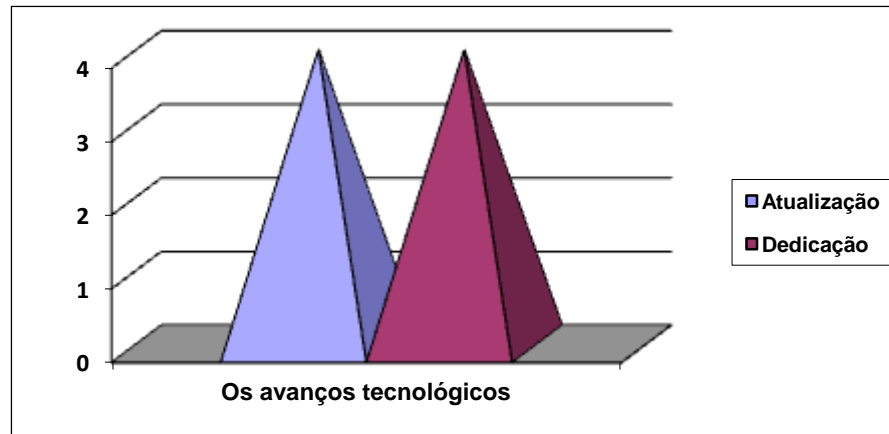
A visão dos professores quanto ao ensino e aprendizagem dos educandos

1. Vivemos em um mundo globalizado. Quais as contribuições do avanço tecnológico para a leitura e a escrita dos alunos no Ensino Fundamental II?

De acordo com o gráfico abaixo, os 04(quatro) professores entrevistados responderam que o processo de ensino-aprendizagem exige do professor cada vez mais dedicação e atualização, pois precisam fazer uso dos avanços tecnológicos no

mundo contemporâneo para que possam contribuir na formação dos discentes, para que as aulas possam ser transmitidas de forma mais dinâmica, eficiente e prazerosa.

Gráfico XI – As contribuições do avanço tecnológico para a leitura e a escrita

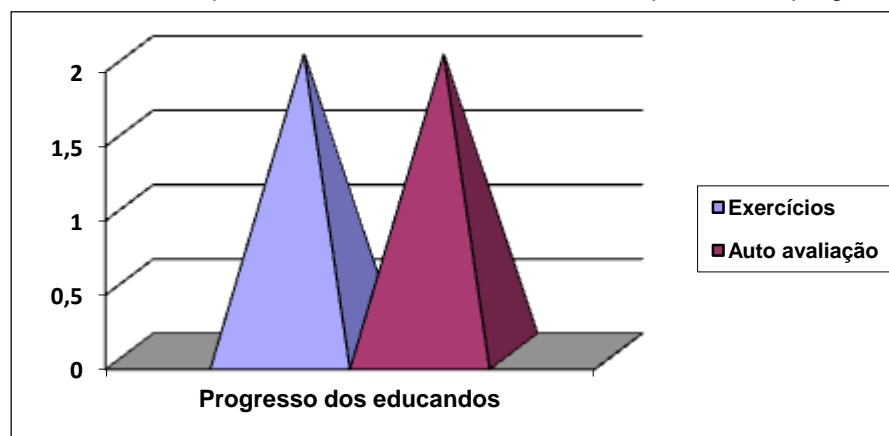


FONTE: Dados da pesquisa – 2013

Por outro lado, foi enfatizado que os professores não devem de forma alguma desanimar diante de situações que afligem, é necessário buscar soluções que ajudem a melhorar o ambiente de trabalho; e todos devem estar se capacitando para acompanhar os avanços tecnológicos.

2. Os alunos têm oportunidade de acompanhar seu próprio progresso? Como?

Gráfico XII – A oportunidade dos educandos de acompanhar seu progresso



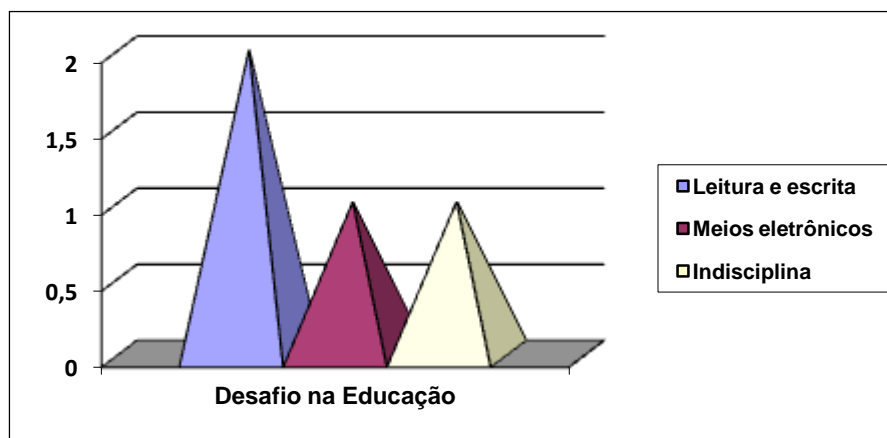
FONTE: Dados da pesquisa – 2013

De acordo com os dados coletados, 02(dois) professores responderam que os alunos têm oportunidade de acompanhar seu progresso, através dos exercícios de verificação da aprendizagem. 02(dois) dos entrevistados, responderam que é

através da auto avaliação e das habilidades estimuladas pelos professores. Acrescentaram que no decorrer das atividades os mesmos são levados a refletir sobre o seu crescimento e desenvolvimento nos seus vários aspectos, seja cognitivo ou afetivo.

3. Quais as dificuldades encontradas nos dias atuais para trabalhar a leitura e a escrita, enfrentando os desafios da educação brasileira?

Gráfico XIII – As dificuldades e desafios na leitura e na escrita



FONTE: Dados da pesquisa – 2013

Conforme o gráfico, 01(um) dos professores respondeu que o grande desafio é a indisciplina dos alunos. 01(um) dos entrevistados, disse que é difícil concorrer com algumas novidades atuais, como a internet e o celular, tidos como fortes atrativos em sala de aula. E 02(dois) responderam que as dificuldades na leitura estão intensamente ligadas ao desenvolvimento das habilidades na escrita provenientes de alterações ou erros de sintaxe, estruturação, organização de parágrafos, pontuação, bem como todos os elementos necessários para a composição do texto.

Sabemos que a realidade com a qual nos deparamos, muitas vezes, é também a falta de interesse dos alunos. Contudo, há todo um processo por traz desse fator, além da falta de atenção, devemos levar em consideração que escola não é o único centro a contribuir para a formação do indivíduo, há outros, a exemplo dos meios de comunicação em geral.

Os alunos devem ser os mais interessados em aprender, em ter formação e em ser um profissional. No entanto, percebemos que, às vezes, demonstram o contrário. Muitos já não têm mais perspectiva de vida, acham que estudar não influencia

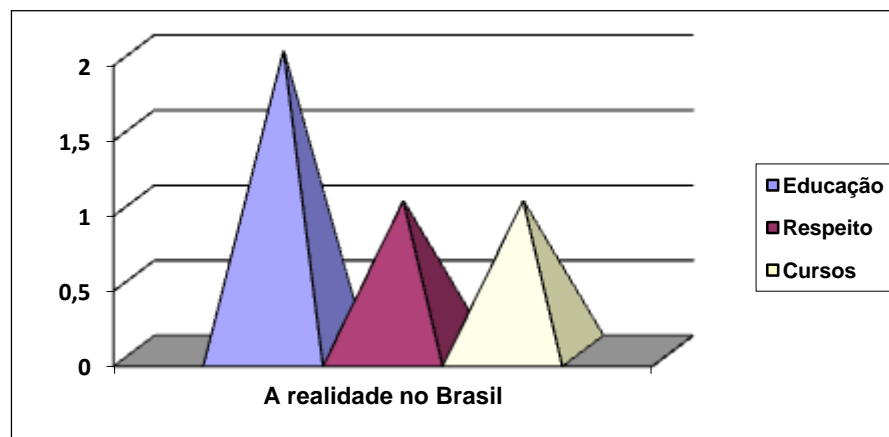
positivamente na sua vida. Enfim, são outros fatores que acabam dificultando o processo educacional entre alunos e professores.

Na verdade é justamente essa falta de interesse que preocupa, tanto a gestores e pais, quanto aos professores atuantes. Em resumo, Lahire (1995) *apud* Rojo (2009, p. 22-23) assim qualifica este processo:

Os casos de “fracassos” escolares são casos de solidão dos alunos no universo escolar: muito pouco daquilo que interiorizaram através da estrutura de coexistência familiar lhes possibilitam enfrentar as regras do jogo escolar (os tipos de orientação cognitiva, os tipos de práticas de linguagem, os tipos de comportamento próprios a escola), as formas escolares de relações sociais. (...) estão, portanto sozinhos e como que alheios diante das exigências escolares. Quando voltam para casa, trazem um problema que a constelação de pessoas que os cerca não pode ajudá-lo a resolver: carregam sozinhos, problemas insolúveis.

4. Há grandes desafios na educação brasileira. Qual o mais urgente na realidade atual do País?

Gráfico XIV – Os desafios da educação brasileira



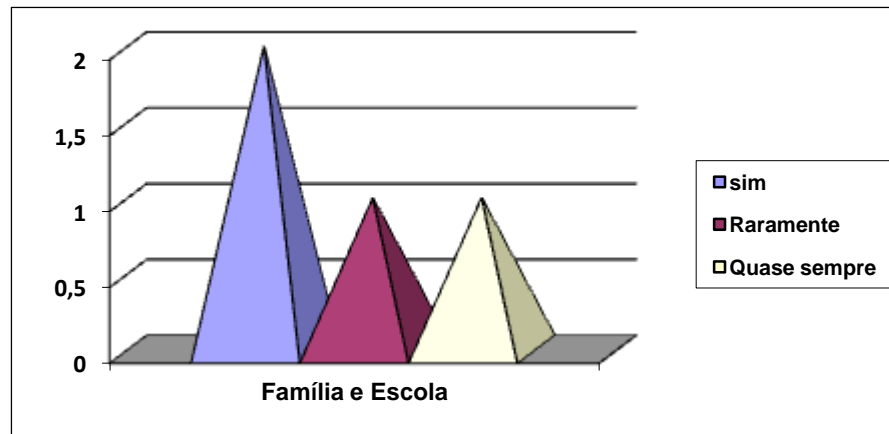
FONTE: Dados da pesquisa – 2013

Como podemos notar, 01(um) dos entrevistados respondeu que os professores precisam ser respeitados pelos alunos e pelas autoridades. 01(um) dos entrevistados, respondeu que o engajamento real dos jovens e adolescentes em cursos profissionalizantes é que os tira das ruas, principalmente nas grandes metrópoles. E 02(dois) dos entrevistados disseram que a educação é o principal pilar do desenvolvimento de qualquer País, e com o Brasil não seria diferente. É possível notar, assim, que a sala de aula é vista como um ambiente de oportunidades, mas, infelizmente, nem sempre essa oportunidade é para todos.

Por outro lado, as condições concretas de trabalho do professor nem sempre são satisfatórias, na sala de aula, seu trabalho é condicionado pelo regimento escolar, pelas leis do sistema de ensino, pelas relações de emprego e pela formação, muitas vezes, precária.

5. Você conta com a participação da família para resolver problemas de alunos?

Gráfico XV – A participação da família



FONTE: Dados da pesquisa – 2013

Esta pesquisa mostrou que há a participação da família conforme 02(dois) dos entrevistados. 01(um) respondeu que raramente a família se envolve na escola. E ainda 01(um) dos entrevistados, respondeu que quase sempre isso não acontece, embora aos poucos esteja havendo alguns avanços no que se refere à participação mais efetiva dos pais na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas discussões empreendidas, pudemos observar que as atividades de leitura e escrita são desenvolvidas de forma satisfatória na Escola Idalina Rosa. Observamos que alguns alunos ainda apresentam desinteresse em sala de aula. Infelizmente esse é um desafio a ser enfrentado na escola, pois alguns alunos não acham que seja importante, simplesmente vão por obrigação, por conta de recursos financeiros que as famílias recebem. Esse desinteresse tem preocupado o corpo docente, levando-o a desenvolver atividades que têm por finalidade incentivá-los para o domínio da leitura e da escrita. Há ainda outro fator, que é a falta de respeito aos professores, isto é muito preocupante nos dias atuais, mas por se tratar de uma escola de pequeno porte, há como contornar apenas com o diálogo entre professores e alunos.

Contudo, acreditamos que se tratou de uma excelente experiência na Escola Idalina Rosa localizada no Município de Pedro Régis – PB. Conforme os questionários aplicados, notamos que os educandos reconhecem que a leitura e a escrita são modalidades indispensáveis em sala de aula, bem como a compreensão das atividades desenvolvidas pelos professores que são direcionadas de forma acessível, considerando os conhecimentos prévios dos educandos.

Quanto aos professores e pais dos alunos, alegaram que há desenvolvimento educacional e que os alunos e pais podem acompanhar, através das reuniões organizadas pela gestão escolar. Acrescentaram ainda que os avanços tecnológicos utilizados pela educação contemporânea devem ser inseridos no cotidiano escolar para ajudar o desenvolvimento da leitura e da escrita, pois é uma das formas de tentar amenizar as dificuldades e desafios da educação escolar. É pensando nisso, que só haverá maiores rendimentos na escola se todos estiverem participando desse processo, a citar os educadores que são considerados como um dos motivadores para o sucesso dos educandos, a família que é o principal meio para que haja esse sucesso, a escola como responsável por formação de indivíduos para viver em sociedade e toda comunidade, na qual os educandos passam a maior parte do seu tempo.

Portanto, notamos que de fato, embora ainda muito inicial, há desenvolvimento de leitura e escrita no Ensino Fundamental II na escola pesquisada. Depoimentos dados por alguns professores revelam esse desenvolvimento. Nestes, há relatos de

exemplos bons que possibilitam adquirir mais experiências, verificando os níveis de determinados conhecimentos, para que desse modo, garantam um melhor desempenho no ensino e na aprendizagem dos educandos que são convidados a fazer práticas das modalidades de leitura e escrita nos vários contextos sociais.

Ao longo do processo de ensino e aprendizagem vivenciado na pesquisa, podemos assim ter mais certeza de que as habilidades de leitura e escrita no 8º ano do Ensino Fundamental II têm como principal finalidade compartilhar conhecimentos entre alunos e professores no cotidiano escolar para serem vivenciados no meio social no qual estão inseridos.

Sabemos que leitura e escrita é um processo difícil, no entanto é preciso mostrar para os educandos, que essa prática diária faz com que o ensino e a aprendizagem sejam mais satisfatórios para interação e comunicação dos mesmos, uma vez que, a todo instante estão fazendo uso desse universo de leituras e escritas, não só na sala de aula, mas principalmente no meio social.

Assim sendo, essa prática na sala de aula fazendo o uso das tipologias de leitura a exemplo de oral, compartilhada ou coletiva, silenciosa, informativa e interpretativa, são alguns dos exemplos que devem ser utilizados pelos educadores, com o objetivo de mostrar aos educandos, que os processos são diversos e eles contribuem para que o ensino e a aprendizagem sejam trabalhados de acordo com a realidade, e os conhecimentos prévios dos alunos em sua totalidade, fazendo com que se identifiquem e propiciem desenvolvimento no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. Aula de português: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. Muito além da gramática: por um ensino de língua sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

AZANHA, J. M. P. A formação do professor e outros escritos. São Paulo: Editora SENAC, 2006.

BAGNO, Marcos. Língua materna: letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

_____. Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa. 4ª ed., São Paulo: Parábola Editorial, 2004. 184p.

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. Língua Portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997, 144p.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização & linguística. São Paulo: Scipione, 2009.

GERALDI, Wanderley João. Concepções de Linguagem e Ensino de Português. In: GERALDI, Wanderley João (org.). **O texto em sala de aula**. 4ª ed., São Paulo: Ática, 2006.

FAULSTICH, Enilde L. de J. Como ler, entender e redigir um texto. 19ª ed., Editora Vozes, 2005.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

_____. Conscientização: teoria e prática da libertação. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

_____. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 41ª ed., São Paulo: Cortez, 2001.

GOMES, Maria Lúcia de Castro. Metodologia do ensino de língua portuguesa. São Paulo: Saraiva, 2009.

KLEIMAN, Ângela. Leitura: ensino e pesquisa. 3ª ed., Campinas, SP: Pontes Editores, , 2008.

_____. Texto e leitor. Aspectos cognitivos. 2ª ed., São Paulo: Ática, 1994.

KULISZ, B. Professoras em cena: o que faz a diferença? Porto Alegre: Mediação, 2004.

LAHIRE, B. Sucesso escolar nos meios populares. As razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997 (1995).

MATTA, Sozângela Schemim da. Português: Linguagem e Interação. Curitiba: Bolsa Nacional do Livro Ltda. 2009. 160p.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARQUES DE MELO, José. Para uma leitura crítica da comunicação. São Paulo: Edições Populares, 1986. 123p.

MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. São Paulo: Brasiliense. 19ª ed., 1994.

MARTINS, Maria Helena (org.) Questões de linguagens. São Paulo. Contexto, 1994. (coleção repensando o ensino).

PILETTI, C. Didática Geral. São Paulo: Ática, 2000.

PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e docência. 6ª. ed., São Paulo, Cortez, 2011.

RIBEIRO, Elisa Ana. Ler na tela – Letramento e Novos Suportes de Leitura e Escrita. In: COSCARELLI, Carla. RIBEIRO, Elisa Ana (orgs.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 3ª. ed., Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2011.

ROJO, Roxane. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Salto para o futuro: Ensino fundamental/ Secretaria de Educação a Distância. Brasília, SEED, 1999.

TEBEROSCKY, Ana. Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista. Porto Alegre: Artmed, 2003.

ZUIN, Poliana Bruno. O ensino da língua materna: dialogando com Vygotsky, Bakhtin e Freire. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.

ANEXO 1**ENTREVISTA COM 17(DEZESSETE) ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II –
8º ANO**

1.Você gosta de ler na sala de aula?

2.Você compreende o que ler?

3.Os professores tem pedido para você ler em sala de aula?

4.Você tem alguma dificuldade na escrita?

5.Você costuma entender as explicações dos professores e consegue responder aos exercícios propostos?

ANEXO 2**ENTREVISTA COM 04 (QUATRO) PAIS DE ALUNOS DO 8º ANO**

1.O(a) senhor(a) acompanha o desenvolvimento da aprendizagem de seu filho? De que forma?

2. .Há reuniões de pais e mestres com frequência? Você costuma participar e dar opiniões?

3. O que o(a) senhor(a) acha do seu filho cursando o 8º ano do Ensino Fundamental II?

4 Na sua opinião quem são os verdadeiros responsáveis pelo sucesso dos seus filhos?

5.O que o(a) senhor(a) acha da educação nos dias atuais?

ANEXO 3**ENTREVISTA COM 03 PROFESSORES DA ESCOLA IDALINA ROSA**

1. Vivemos em um mundo globalizado. Quais as contribuições do avanço tecnológico para a leitura e a escrita dos alunos no Ensino Fundamental II?

2. Os alunos têm oportunidade de acompanhar seu próprio progresso? Como?

3. Quais as dificuldades encontradas nos dias atuais para trabalhar a leitura e a escrita, enfrentando os desafios da educação brasileira?

4. Há grandes desafios na educação brasileira. Qual o mais urgente na realidade atual do país?

5. Você conta com a participação da família para resolver problemas de alunos?

ANEXO 4
FOTOS DA ESCOLA





